

ISSN 0101 - 3335

# LETRAS DE HOJE

Nº 91

MARÇO DE 1993

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras  
Centro de Estudos da Língua Portuguesa



# LETRAS DE HOJE

REVISTA TRIMESTRAL  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA  
E LETRAS - PUCRS  
CENTRO DE ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

**Chanceler**

Dorn Altamiro Rossato

**Reitor**

Professor Irmão Norberto Francisco Rauch

**Vice-Reitor**

Professor Irmão Avelino Madalozzo

**Pró-Reitor de Administração**

Professor Antonio Mario Pascual Bianchi

**Pró-Reitor de Graduação**

Professor Francisco Alfredo Garcia Jardim

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**

Professor Monsenhor Urbano Zilles

**Pró-Reitor de Extensão Universitária**

Professor Irmão Elvo Clemente

**Pró-Reitor de Assuntos Comunitários**

Professor João Carlos Gasparin

**Diretor da Revista**

Prof. Ir. Elvo Clemente

**Conselho editorial****Para assuntos lingüísticos**

Prof. Dr. Augustinho Staub, Prof. Dr. José

Marcelino Poersch, Profa. Dra. Leonor Scliar

Cabraal, Profa. Dra. Lecl Borges Barbisan,

Profa. Dra. Feryal Yavas e Prof. Dr. Mehmet Yavas.

**Para assuntos interdisciplinares:**

Prof. Dr. Ignácio Antonio Neis e Prof. Dr.

Mons. Urbano Zilles.

**Para assuntos literários:**

Prof. Dr. Gilberto Mendonça Teles, Profa. Dra.

Heda Maciel Caminha, Profa. Dra. Patrona

Domínguez de Rodrigues Pasqués e Profa. Dra.

Regina Zilberman.

Pedidos de assinaturas e permutas devem ser encaminhados para EDIPUCRS.

**Assinatura anual:**

Brasil.....Cr\$120.000,00

Exterior.....US\$20

Número avulso.....Cr\$35.000,00

**Formas de pagamento:**

Cheque ou vale postal em nome da

Revista para EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90001-970 - Porto Alegre-RS

Os artigos para publicação devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje

Pós-Graduação em Lingüística e

Letras - PUCRS

A/c Prof. Ir. Elvo Clemente

Caixa Postal 1429

90001-970 - PORTO ALEGRE - RS

A Revista aceita permutas

On demande l'échange

We ask exchange

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados

**Composição:**

ARTLINE

**Impressão:**

EPECÊ

L 649 LETRAS DE HOJE/ Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras, PUCRS. - n.1 (out. 1967)- - Porto Alegre: EDIPUCRS, 1967-  
v.: 22 cm.  
Trimestral  
ISSN 0101-3335  
1. Lingüística - Periódicos. 2. Literatura - Periódicos.  
I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras.

CDD 405

805

CDU 8(05)

Índices para Catálogo Sistemático  
Lingüística: Periódicos 80(05)  
Literatura: Periódicos 82/88 (05)  
Periódicos: Lingüística (05)80  
Periódicos: Literatura (05) 82/89

Letras de Hoje  
estudos debates de  
assuntos de lingüística,  
literatura e língua  
portuguesa

# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO

<b>Fernando Cristóvão</b> O sertão como espaço mágico, fantástico e sobrenatural . . . . .	7
<b>Leci Borges Barbisan</b> Reformulação e leitura . . . . .	17
<b>Ir. Elvo Clemente</b> Oxímoro poético-existencial . . . . .	25
<b>Kathrin Holzermayr Rosenfeld</b> A modernidade barroca do GRANDE SERTÃO-VEREDAS . . . . .	29
<b>Cecília Zokner</b> Para o estudo do adjetivo em EL HOMBRE QUE TRASLADABA CIUDADES . . . . .	49
<b>Sônia Maria Van Dijk Lima</b> Em demanda da gênese: uma metodologia de trabalho . . . . .	59
<b>Susana Scramim</b> Rebeldia e fracasso (Leitura da peça Dorotéia de Nelson Rodrigues) . . . . .	67
<b>Imgart Grützmänn Bonow</b> Os anuários em língua alemã no Rio Grande do Sul de 1874 a 1941 . . . . .	75
<b>Eliane Vasconcellos</b> O arquivo de Clarice Lispector . . . . .	87
<b>Cecil Jeanine Albert Zinani</b> Adolescência: leitura e realidade cultural . . . . .	99
<b>Resenhas</b> . . . . .	105

## APRESENTAÇÃO

O nº 91 da RLH inaugura o 26º ano de circulação ininterrupta, fuge do uso monográfico como vinha acontecendo na última década. O número que sai em março compõe-se de artigos relativos à literatura, à crítica literária e à pedagogia da literatura. Os textos são fruto de investigações, de muitas leituras, feitas por mestres de várias universidades do País e de Portugal. O objetivo precípua é ampliar a pesquisa literária, conhecer mais o mistério da pessoa nos diversos estados ou circunstâncias da existência, através da arte literária.

- \* **Fernão Cristóvão**, professor de Literatura Brasileira na Universidade Clássica de Lisboa e da Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa, ex-diretor do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e membro da Academia das Ciências, recorda o Centenário do nascimento de Graciliano Ramos (1992) com "O Sertão como espaço mágico, fantástico e sobrenatural".
- \* **Leci Barbosa Barbisan**, professora do CPG Letras da PUCRS, apresenta significativo relatório de trabalho de equipe sobre a **Reformulação e Leitura**.
- \* **Ir. Elvo Clemente**, professor do ILA/PUCRS, realiza uma crítica ao novo livro de Maria Carpi - **VIDÊNCIA E ACASO**, sob o título **Oxímoro poético existencial**.
- \* **Kathrin Holzermayr Rosenfiel**, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, dedicada estudiosa e pesquisadora apresenta "A modernidade barroca do Grande Serão: Veredas".
- \* **Cecília Zokner**, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Paraná, oferece um texto de investigação estilística "Para o estudo do adjetivo em *El hombre que trasladada las ciudades*".
- \* **Sônia Maria van Dijck Lima**, doutora pela USP, professora no Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba, sugere "Em demanda da Gênese: uma metodologia de trabalho".
- \* **Susana Scramim**, do Curso de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, propõe "Rebeldia e fracasso" em leitura da peça *Dorotéia*, de Nelson Rodrigues.
- \* **Imgart Grützmänn Bonow**, estudiosa incansável e profunda da literatura em língua alemã, produzida no Rio Grande do Sul, destaca parte da dissertação de Mestrado pela PUCRS com "Os anuários em língua alemã no Rio Grande do Sul, de 1874 a 1941".
- \* **Eliane Vasconcellos**, Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, estudiosa da obra de Tobias Barreto, funcionária do Arquivo do Museu de Literatura na Fundação Casa de Rui Barbosa, oferece "O arquivo de Clarice Lispector".



\* Cecil Jeanine Albert Zinani, da Universidade de Caxias do Sul, preocupa-se com o tema atual e candente - "Adolescência: leitura e realidade Cultural".

Seguem-se duas resenhas, uma sobre *Cenas da vida minúscula* de Moacyr Scliar e a outra sobre *Artimanhas da ironia*, respectivamente pelos professores Homero Araújo e Maria Nazareth Soares Fonseca.

Prof. Ir. Elvo Clemente

Organizador

## O SERTÃO COMO ESPAÇO MÁGICO, FANTÁSTICO E SOBRENATURAL\*

Fernando Cristóvão  
Universidade Clássica de Lisboa  
Academia das Ciências

A mitificação da realidade sertaneja operada pela poética literária partiu da constatação de alguns fenômenos naturais que, ao afastarem-se da vulgaridade, criaram atmosfera de expectativa, mistério e susto.

A vastidão do deserto (Cascudo lembra que uma das suas hipóteses etimológicas é a contrata *desertão*) o anoitecer sombrio, o clarão da lua e correspondente jogo de sombras facilmente evoluíram de objeto de admiração para objeto de medo e terror.

E como é típico do sertão ser percorrido por viajantes das mais diversas espécies, também entrou na sua mitologia largo cortejo de fenômenos humanos de desequilíbrio psíquico e alucinação, de atuações insólitas frequentemente situadas entre este mundo e o outro, enleando os homens e os animais com assombrações, com Deus e com o Diabo.

O cair da noite é ocasião privilegiada para a retórica sertaneja, e a tradição popular associa-o ao meio, a práticas supersticiosas, a partir do crepúsculo. Com o declinar do sol o sertão, ainda mais que a floresta, vai-se convertendo em espaço misterioso, carregado de presságios, adensando as expectativas que podem culminar em encontros maléficos e teofanias. Com o cair da noite, tudo pode acontecer.

Vem esta tradição literária desde o início do Romantismo. Observando-se as suas obras mais significativas é possível encontrar nelas gradações diversas de formulação, pois ora relevam da simples estranheza, ora se estruturam em formas elaboradas de fantástico, maravilhoso ou sobrenatural.

Por isso, na análise destas situações, utilizamos sobretudo os conceitos definidos por Todorov na sua *Introduction à la Littérature Fantastique*<sup>1</sup>, por nos parecer a mais pertinente e adequada.

O grau zero da espiral do espanto e do temor situa-se na descrição da natureza levemente perturbada no seu esplendor por um não se sabe bem o quê, de tristeza ou soturnidade.

Taunay, descrevendo em *Inocência* a melancolia do cair da tarde acrescenta: "Parece que a solidão alarga os seus limites para se tornar acobreadora. Enegrece o solo; formam os matagais sombrios maciços, e ao largo se desdobra tênue véu de rôxo uniforme e desmaiado, no qual, como

1 Tzvetan Todorov, *Introduction à la Littérature Fantastique*, Paris, Seuil, 1970.

\* Recordando o Centenário de Nascimento de Graciliano Ramos

linhas a meio apagadas, ressaltam os trocos de uma ou outra palmeira mais alterosa.

É a hora em que se aperta de inexplicável receio o coração. Qualquer ruído causa sobressalto /.../ São insetos ocultos na macega que trazem essa ilusão, por tal modo viva e perfeita que a imaginação, embora desabusada e prevenida, ergue vôo e lá vai por estes mundos a fora a doidejar e a criar mil fantasias<sup>2</sup>

É por isso que os caboclos, quando se juntam, não acabam mais as histórias de casos misteriosos de assombrações e intervenções estranhas do "Cujo" diabólico. Hugo de Carvalho Ramos, no conto "À beira do Pouso" assim descreve essas conversas: "Contavam casos. Histórias deslembadas do sertão que aquela lua acinzentada e friorenta de inverno, envolta em brumas, lá do céu triste e carregado, insuflava perfeita verossimilhança e vida animada.

Pela maioria contos lúgubres e sanguinolentos, crivados de superstições e terrores, passados sob o clarão embaçado daquela negra lua acinzentada e friorenta de inverno, no seio aspérrimo das solidões goianas<sup>3</sup>

Euclides da Cunha, que com tanta agudeza estudou o sertanejo em função do seu hábitat, explica em ótica positiva: "O homem dos sertões - pelo que esboçamos -, mais do que qualquer outro, está em função imediata da terra. É uma variável dependente no jogar dos elementos. Da consciência da fraqueza para os debelar resulta, mais forte, este apelar constante para o maravilhoso, esta condição inferior de pupilo estúpido da divindade<sup>4</sup>.

Logo desde o início, pois, a literatura sobre o sertão, como o sertanejo, está predisposta para algo que vá do insólito ao estranho, ao fantástico ou ao maravilhoso, mesmo ao sobrenatural.

1 - Assim, a primeira etapa nesta escalada é a dos equívocos entre o real e o fantástico, a admiração receosa de certos acontecimentos situados para além do normal, em virtude de defeitos de percepção ou de deformações ilusórias. Não é claro tratar-se de uma situação normal, mas também não é necessariamente algo de tenebroso.

Muitos são os contos construídos à volta desses fatos estranhos em que um vulto parece animal ou pessoa em atitudes ameaçadoras, ruídos não localizados ou identificados parecem vir de fora da realidade, vozes estranhas que o eco ou o vento não conseguem explicar ...

Exemplos típicos das situações podemos encontrá-los no *Pelo Sertão* de Afonso Arinos e em *Sertão* de Coelho Neto.

No primeiro, o conto "Assombramentos"<sup>5</sup> é construído sobre estes equívocos. O tropeiro Manuel Alves quis mostrar a sua valentia dormindo em casa assombrada. Com o cair da noite chegam os temores, a zoadia inexplicável, a rajada de vento apagando a luz, sons de passadas e arfar de asas,

e não tardou uma luta do aterrorizado tropeiro com imaginários fantasmas. Alucinado, em delírio, cai prostrado.

Ao conto *Praga*<sup>6</sup>, Coelho Neto repete a receita narrativa: Raimundo acaba por se precipitar na vertigem de um pântano porque o ódio e o medo da bruxa Úrsula que vagueava à noite pelos campos, acompanhada do cão, e o tratava da febre, lhe provocaram visões e terrores. No auge da alucinação luta em sonhos com Dina cuja morte lhe pesava na consciência, e é por ela arrastado para o mesmo pântano em que ela se afogara.

Também de técnica semelhante é o conto "Os Velhos"<sup>7</sup>. Tomé e Romana passaram da velhice tranqüila e feliz para a alucinação da loucura e da morte porque algo de estranho, "coisa feita", lhes transtornou as vidas.

Contudo, neste segundo conto, a estranheza pelo acontecido já é maior que a habitual, parecendo apelar para algo de ordem superior e mágica. Mesmo que tudo possa ser explicado por causas e efeitos naturais, a explicação não satisfaz.

É ainda o que se passa nas situações de loucura ou semi-loucura que abundam também na ficção sertaneja. É que no contexto dos medos e superstições, a loucura parece relevar mais de uma maldição que de uma doença, de tal maneira ela acusa um modo estranho de se perder a ligação com o real.

Tais são os casos de D. Fausta de Pedra Bonita, de Marta de Fogo Morto de José Lins do Rego. Loucuras manifestadas em gritos, choros e tristezas de decadência e maldição.

Semi-loucura do quixotesco Vitorino Papa Rabo de Fogo Morto que, entre a demência e a lucidez, vive ora no mundo real ora no imaginário, combatendo as injustiças dos poderosos de forma tão alucinada como ineficaz, tão certo como o cavaleiro da triste figura de realizar proezas notáveis.

Em todos estes casos, o leitor contempla um sertão estranho que o deixa na admiração e na expectativa, preparado para acontecimentos difíceis de explicar.

Ultrapassando estes fatos e personagens que ainda cabem na categoria definida como "estranho", por Todorov, outras narrativas vão mais longe.

2 - São as que descrevem assombrações, entes fantásticos, aparições, abundantes na mitologia popular cuja narração envolve normalmente uma panóplia de sinais intimidantes: rumores surdos, ranger de gonzo, pios de aves, vozes, gritos, ruflar de asas, escuridão, sombras, luzes inexplicáveis ...

E o que a seguir acontece processa-se segundo as categorias de "maravilhoso" ou "fantástico" onde tudo pode acontecer, sem que as personagens ou o leitor peçam explicações, ou tenham grandes exigências de verossimilhança. Como nas histórias de fadas ou nos contos infantis.

Esta é a categoria mais ampla do imaginário sertanejo, exaustivamente explorada sobretudo pelos regionalistas mais fáccis. Até porque o sertanejo,

2 Visconde de Taunay, *Inocência*, 31ª edição, São Paulo, Melhoramentos, pp. 15 - 16

3 Hugo de Carvalho Ramos, *Tropas e Boladas*, Rio, José Olímpio, 1965, p. 36.

4 Euclides da Cunha, *Os Sertões*, Rio, Ouro, 1967, pp. 124-125.

5 Afonso Arinos, *Pelo Sertão*, Rio, Ouro, s.d., p. 25.

6 Coelho Neto, *Sertão*, 2ª ed., Porto, Chardron, 1903, p. 7

7 *Idem*, *ibidem*, p. 273



mais que o habitante de outras regiões, é mais propenso a emaranhar o real com o mágico da superstição e do sobrenatural.

Euclides refere-se assim a esta tendência: "As suas crenças singulares traduzem essa aproximação violenta de tendências distintas. É desnecessário descrevê-las. As lendas arrepiadoras do Caapora travesso e maldoso, atravessando célere montado em caititú arisco, as chapadas desertas, nas noites misteriosas de luas claras; os sacis diabólicos, de barrete vermelho à cabeça, assaltando o viandante retardatário, nas noites aziagas das sextas-feiras, de parceria com os lobisomens e mulas sem cabeça noctívagos; todos os malassombamentos, todas as tentações do maldito ou do diabo - esse trágico emissário dos rancores celestes em comissão na terra /.../ todas as visualidades, todas as aparições fantásticas, todas as profecias esdrúxulas de messias insanos; e as romarias piedosas; e as missões; e as penitências ... todas as manifestações complexas de religiosidade indefinida, não explicáveis"<sup>8</sup>.

Hugo Carvalho da Silva Ramos, no conto "Saci"<sup>9</sup>, apresenta esta entidade maléfica e brincalhona que se diverte a criar problemas no interior das famílias, numa história cheia de humor. O Velho Pai Zé, para obter os favores de Sinhá Quirina prometeu ao Saci, conforme manda a tradição, encontrar a cabaça dos enganados que ele perdera, em troca da mandioca com que ia enfeitiçar a mulher para a enganar. Como ela ouviu essa conversa, trocou-lhe as voltas arranjando maneira de lhe dar uma enérgica sova que anulou a mandinga fazendo perder-se o feitiço.

Apesar de o conto ser curto, o autor soube situar o encontro com o negrinho travesso entre o real e o maravilhoso, com tanta naturalidade que o leitor fica na dúvida sobre o verdadeiro estatuto desse encontro, mantendo-se a ação em perfeita atmosfera de fantástico.

O mesmo conseguiu Guimarães Rosa nos contos "São Marcos" e "Conversa de bois"<sup>10</sup>.

No primeiro se narra que um caminhante, por não acreditar em superstições, foi castigado na sua ignorância ao envolver-se numa situação que o deixou, tal como ao leitor, perfeitamente perplexo, não encontrando para ela qualquer explicação racional. Internado no mato, o protagonista cegou repentinamente "não é sonho, não é, pesadelo não pode ser". No meio da maior aflição recorreu à reza braba de São Marcos: "Minha voz mudou de som lembro-me, ao proferir as palavras, as blasfêmias que eu sabia de cor". O resultado não se fez esperar: rapidamente alcançou a estrada e deu com a casa do feiticeiro. Lutou com ele e, de repente, recuperou a luz dos olhos, descobrindo então que o pajé João Mongolô escondia atrás do jirau um boneco que tinha costurado "p'ra sinhô passar uns tempos sem poder enxergar".

Os poderes da superstição e do pajé ficaram assim completamente demonstrados, até porque o protagonista, nada predisposto a acreditar, se rendeu à evidência.

De notar que, no conto, a descrição da mata é feita em clima de encantamento mágico semelhante ao dos poemas épicos renascentistas em que a floresta participa dos estados de alma e ações dos heróis. Enumeram-se as espécies cuja nomenclatura é muito antropomorfizada e diz-se, por exemplo, a propósito do buritizal, que as árvores avançam pelo atoleiro em "famílias inteiras muito unidas: buritis velhuscos, de palmas contorcidas, buritis-senhoras, e, tocando ventarolas, buritis-meninos" (239); e que havia espécies sentinela, adiantadas das outras árvores em múltiplas figurações eróticas - "Tudo aqui manda pecar e peca" -, e árvores calmas e bondosas ...

Reino encantado é também o do sertão da Pedra Bonita, de José Lins do Rego, na palavra do velho Zé Pedro, na do santo da pedra e na credence popular acreditando que o Filho viria um dia no corpo de Antônio Ferreira "botar os pobres no lugar dos ricos e os ricos no lugar dos pobres /.../ a lagoa de sal virá em ouro /.../ Daquela safa o ouro que dava para fazer a riqueza do mundo. Os pretos ficavam brancos os doentes com saúde, as mulheres maninhas pariam meninos gêmeos, os assassinos viam os ofendidos satisfeitos, os ladrões entregavam os roubos, os cangaceiros as suas armas. Tudo viveria na felicidade se a lagoa se desencantasse"<sup>11</sup>.

Mas é em "Conversa de bois" que mais se anulam as fronteiras entre os diversos reinos da natureza. O mundo vegetal agita-se e manifesta-se como o mundo animal, e este como o humano. Não há limites a separar estes reinos, e entre os animais e os homens até desaparecem a diferença específica da linguagem e a dos sentimentos. Todos se aproximam numa verdadeira comunhão pânica.

E não só entre plantas, irracionais e humanos, também entre estes e a Divindade, porque foram abolidas as barreiras entre o racional e o irracional, entre as criaturas e a Divindade, até porque, no reino sobrenatural, também se misturam fraternalmente as vulgares e prosaicas assombrações com o Capeta, Cão ou Cujo da Tradição popular, com o Demônio mais retórico e teológico dos fatos tenebrosos e com Deus todo poderoso que, cheio de bonomia, como no conto de Eça de Queirós, está sentado no alto da pirâmide e sorri.

Em "Conversa de bois" eles conversam entre si, pensam como humanos, e os humanos como ruminantes. Tudo se processa naturalmente, como o afirma Manuel Timborna recontando "diferente, enfeitado e acrescentado, ponto e pouco ..." (283)

E também o garante o boi Dansador: "Não há bois, não há homens ... Somos fortes ... sou muito forte ... posso bater para todos os lados ... Bato no seu Agenor Soronho! ... Bato no seu Soronho, de cabresto, de vara de marmelo, de pau ... Até tirar sangue ... E ainda fico mais forte ... Sou Tião ... Tiãozinho!" (315)

8 Euclides da Cunha, Os Sertões, p. 123

9 Tropas e Boladas, p. 47

10 Sagarana, 6ª ed., Rio, José Olímpio, 1969, pp. 221 e 283

11 José Lins do Rego, Pedra Bonita, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., p. 134, 135.



Neste universo mágico do sertão onde convivem animais, homens, demônios e Deus, uma assombração especial tem merecido a atenção dos narradores - a dos lobisomens, essas criaturas duais, magras, enfezadas de grandes orelhas. Segundo a tradição universal e luso-brasileira, na descrição de Cascudo<sup>12</sup>, transformaram-se de noite em animais de grande porte (lobo, jumento, bode ou bezerro). Saem pela meia noite, às terças e sextas, correndo por cemitérios, adros de igrejas ou encruzilhadas até regressarem ao espojadouro de animais donde partiram. O triste fado só termina quando alguém os ferir, mas aí daquele que for salpicado pelo seu sangue, porque para ele se transfere essa amaldiçoada sina.

A evocação sertaneja do lobisomem faz-se em estilo fantástico, pois tanto em narrativa sisuda de tipo realista como em narrativa galhofeira, o leitor fica hesitante sobre se os fatos narrados são verídicos ou não.

Mestre José Amaro, de *Fogo Morto*, acabrunhado pela decadência que o anula na família e no quadro social em que se move, vai-se metamorfoseando em lobisomem. O que exemplifica, adequadamente, as interpretações da licantrópia que vê no fenômeno a decadência dos valores racionais e superiores, e a prevalência da irracionalidade e da negação encarnados pelo animal. Amaro dá para vaguear de noite à luz da lua por lugares ermos, e não tardou que o povo começasse a apontá-lo como lobisomem. Interiorizando essa maldição, ganha outros comportamentos típicos dessa assombração até ser encontrado morto por José Passarinho, pois decidiu pôr termo à vida tornada definitivamente insuportável.

O lobisomem de José Cândido de Carvalho em *O Coronel e o Lobisomem* não é muito diferente deste, apesar de narrado em estilo épico-cômico.

Como muitos sertanejos, o pomposo Coronel Ponciano de Azeredo Furtado é confrontado várias vezes com esse ser misterioso que nega e em que não acredita. Por exemplo, quando, escarnecendo dos medos de seu amigo Quintanilha, logo a seguir se defronta com o fantasma de seu avô feito lobisomem. Ou quando, em outra ocasião, entra em combate singular com um deles, bem medroso por sinal: "- Tenha pena de mim Coronel Ponciano de Azeredo Furtado. Sou um lobisomem amedrontado, corrido de cachorro, mordido de cobra (...) Afrouxei o torniquete e aquela goela peluda sem tardança deixou o aro dos meus dedos. Cabeça derreada, olhos sem brasa de lamparina, mergulham o penitente na noite dos pastos. A lua, de novo descompromissada de nuvens, voltou ao clarão de antes"<sup>13</sup>.

E é, doente e alucinado, como D. Quixote, que no final do romance enfrenta, pela última vez o Diabo e as assombrações procurando "em que covil morava o Trevoso". Ia mostrar a esse Jacá de peçonha a força do braço de um Azeredo Furtado". E alguém, no céu, vendo-o cavalgar vistosa montada através das nuvens, comentava: "- Lá vai o Coronel Ponciano de Azeredo Furtado em sua mulinha de desencantar lobisomem. Vai para a guerra

do Demônio, que o Coronel não tem medo de nada" (267). Ainda dentro do maravilhoso e do fantástico devem ser colocadas as narrativas que transfiguram a natureza e as pessoas, não por qualquer processo de persuasão que as faça oscilar entre o real e o imaginário, entre o verdadeiro e o verossímilante, mas por obra e praga de um convencionalismo que leve o leitor a aceitar sem objeções, o maravilhoso e o fantástico. É o caso da convenção poética, literária, segundo a qual tudo é permitido no reino da ficção.

Esta é, aliás, a perspectiva de Louis Vax ao estabelecer as fronteiras do maravilhoso na contiguidade com as do fantástico e do feérico. O primeiro, baseado no real, o segundo fora do real, e considerando o território da "poesia" (que devemos interpretar como abrangendo também certo tipo de narrativas) fora do conflito entre o real e o possível, e dentro da transfiguração do real<sup>14</sup>.

Assim procede Ariano Suassuna em *A Pedra do Reino* fazendo do sertão um reino encantado, onde duas grandes pedras verticais são as torres de um castelo, Quaderna é o próprio rei D. João IV, os cangaceiros são cavaleiros medievais, os fazendeiros, reis, condes, barões, etc.

Justifica-se o narrador pela boca de Quaderna dizendo que o estilo literário tem liberdade para inventar e mentir quanto quiser, e que por sua conta criou "um gênero literário novo, o romance heroico-brasileiro, ibero-aventureiro, criminológico - dialético e tapuio - enigmático de galhofa e safadeza, de amor legendário e de cavalaria épico-sertaneja"<sup>15</sup>.

Assim, o sertão é todo ele transfigurado, e as ações mágicas permanentes e naturais.

**3 - Uma outra forma de mitificação é a de se equacionar o fantástico em termos de transcendência.** Esta é sem dúvida a que mais alto eleva o sertão.

A expectativa, o medo, o terror, o inesperado anunciam e preparam a violência do pacto com o Demônio, e a percepção, quase sensorial, da presença e atuação de Deus.

Na vasta ficção sertaneja, dois casos são exemplares destes encontros sobrenaturais: o de Gonçalo (o ermitão) em *O Ermitão de Muquém*<sup>16</sup>, e o de Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*.

No primeiro, salientam-se como elementos definidores do encontro hierofânico: pactos inexplicáveis, predestinação, proteção divina invisível, sonho e aparição, missão a cumprir, reencontros de perdão e reconciliação.

Gonçalo, depois de uma vida acidentada de grandes paixões e excessos que o levaram a crimes de morte e aventuras guerreiras entre os índios chavantes, anda "protegido por um escudo invisível e celeste" (124). Misteriosa e milagrosamente arrastado pelas águas do Tocantins que o transportam à população de Palma, aí toma hábito de ermitão para expiar inumeráveis pecados.

12 Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Rio, Livros Ouro, 1969; Sophie Lasne e André Pascal Gaultier, *Dictionnaire des Superstitions*, Paris, Tchou, 1980.

13 José Cândido de Carvalho, *O Coronel e o Lobisomem*, Lisboa, LBL, s.d., p. 158.

14 Louis Vax. *L'Art et la Littérature Fantastique*, Paris, Puf, 1960.

15 Ariano Suassuna, *A Pedra do Reino*, 2ª edição, Rio, José Olímpio, 1972, p. 342.

16 Bernardo de Guimarães, *OOO Ermitão de Muquém*, in *Quatro Romances*, São Paulo, Martins, 1944.



Porém, com o alma "agitada por um secreto pressentimento de que o céu o chamava a outros lugares a fim de cumprir uma piedosa missão que ainda não lhe fora revelada" (127) embrenhou-se por sertões desconhecidos fazendo penitência e vivendo de esmolas, até encontrar um lugar ermo e silencioso onde, à maneira do patriarca Jacob antes da visão da escada misteriosa, adormeceu profundamente", ou antes, caiu em um letargo, que mais era prostração e desfalecimento do que sono" (129). Então a Virgem lhe apareceu em sonhos, rodeada de todo o esplendor da glória celeste e lhe falou perdoadando os pecados e dizendo: "É mister que leves a efeito uma obra piedosa e santa, que compense largamente em benefícios à humanidade os danos e males que lhe tens causado. Ânimo, pois! não desalentes, que eu serei contigo até à tua última hora" (130).

Relata o narrador que se tratava de um sonho-aparição, porque Gonçalo estando "meio acordado meio adormecido" a visão não se desvanecia, e ele a vê distintamente ir pouco a pouco se afastando e desaparecer no interior de uma lapa vizinha" (130). Era a indicação de que ali devia construir uma "capela" que até hoje ainda ali existe, com a invocação de Nossa Senhora da Abadia, e para a qual foi trasladada com grande pompa e solenidade a imagem achada, ou antes, mostrada pelo céu a Gonçalo" (130).

O tipo de narração decorre claramente dentro da categoria do "sobrenatural" pois estão accludas tanto as explicações redutoras capazes de dissipar o clima mágico do acontecimento, como os elementos da enunciação que o poderiam tipificar como simples história maravilhosa. Aliás, a mistura do sobrenatural com o real histórico do santuário da Senhora da Abadia confere um certo estatuto de autenticidade a todo o relato. Até porque a história de Gonçalo é homóloga de outras histórias que a ficção sertaneja glosa, em proporções maiores ou menores, tendo por tema o encontro do homem com Deus, os santos e o milagre, ou com o demônio e as tentações.

Como, por exemplo, nos relatos da ficção ou dos folhetos de cordel centrados no Padre Cícero, relatando, nomeadamente, o milagre da beata Maria de Araújo que ao "tomar a hóstia a transformava em sangue", como aparece no romance *Milagre na Terra Violenta* do cearense Francisco Fernandes do Nascimento<sup>17</sup>.

O outro caso típico é o de Riobaldo, e na narração dele ocorre: prenúncio de teofanias, ruídos, e outros fenômenos insólitos, manifestações de Deus, pacto demoníaco e superação desse fato.

O jagunço Riobaldo, chefe de jagunços, fez um pacto com o Demônio porque tudo no sertão leva a atitudes estranhas como essa: "O pacto! Se diz - o senhor sabe. Ao que a pessoa vai, em meia noite, a uma encruzilhada, e chama fortemente o Cujo - e espera. Se sendo, há-de que vem um pé-de-vento, sem razão, e arre se comparece uma porca com ninhada de pintos, se não for uma galinha puxando barrigada de leitões. Tudo errado, remedante, sem completção ... O senhor imaginalmente percebe? O crespo - a gente se retém - então dá um cheiro de bem queimado. E o dito - o Coto - toma

espécie, se forma! Carece de se conservar coragem. Se assina o pacto. Se assina com sangue de pessoa. O pagar é a alma" (40)<sup>18</sup>.

Ele próprio julga excessiva e inconseqüente a venda da alma, mesmo para vingar a morte de Joca Ramiro, até porque a alma "ela é de Deus esta-beleccida, nem que a pessoa queira ou não queira. Não é vendível" (22).

Por isso continuava a usar o escapulário da Senhora da Abadia, e como bom sertanejo manhoso capaz de enganar qualquer um, mesmo o Cujo, diz no fim da narrativa "que o Diabo não existe /.../ Existe é o homem. Travessia" (460), pois o verdadeiro conflito e o mais importante debate é no interior do homem que se processa, em que as forças do Bem favorecidas por Deus devem vencer as do Mal, não havendo pacto nenhum que tornem estas definitivamente vencedoras.

Tudo isto é o sertão que a literatura consagrou.

Não propriamente a região que os antropólogos descrevem como mediterrânica pastoril, de criação de gado, desértica, repartida em sub-regiões espalhadas por vários Estados, mas o grande espaço sagrado e mítico onde tudo é possível.

Daf o seu fascínio que Rachel de Queirós, nas histórias e crônicas sertanejas de *O Brasileiro Perplexo* assim explica: Chegam os amigos de visita pelo sertão e nos seus olhos leio o espanto e quando não é espanto pelo menos é estranheza; que é que vos prenderá nesta secura e nesta rusticidade? /.../ Tudo é tão pobre /.../ Nem paisagem tem, no sentido tradicional de paisagem /.../ Por que tanto suor e carinho no cultivo daquele chão que aparentemente só dá pedra, espinho e garrancho?

Não sei. Mistério é assim: está aí e ninguém sabe. Talvez a gente se sinta mais puros, mais uns, mais lavados. E depois a gente sonha"<sup>19</sup>.

17 Rio de Janeiro, Gráfica Record Editora, 1968.

18 Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, 4ª ed., Rio, José Olímpio, 1965.

19 Rachel de Queirós, *O Brasileiro Perplexo*, Rio, Editora do Autor, 1963, pp. 7 - 9.